

## **PELAS MARGENS DO ATLÂNTICO E DO ÍNDICO<sup>1</sup>**

Simone Caputo Gomes<sup>2</sup> (USP)

Jorge Vicente Valentim, nesta obra, incursiona pela poesia e pela ficção de Angola, Cabo Verde e Moçambique, percorrendo os oceanos Atlântico e Índico na sua navegação crítica, aguda e competente. Dando relevo à representação das identidades nacionais, à abordagem mítica dos espaços culturais, à interlocução entre discursos artísticos de diversa natureza, à fusão de gêneros discursivos (poesia, ficção, ensaio), à escritura de autoria feminina, com apoio de categorias como identidade cultural, fronteira e hibridismo, Jorge Valentim viaja pelos textos poéticos e narrativos do cabo-verdiano Jorge Barbosa, e, sobretudo, pela ficção dos cabo-verdianos Manuel Ferreira e Vasco Martins; dos angolanos Pepetela, José Eduardo Agualusa, Paula Tavares; dos moçambicanos Mia Couto e Paulina Chiziane. Sem sombra de dúvida, autores e obras de referência na história do que se costuma denominar literaturas africanas de língua portuguesa.

Adentrando, de forma mais verticalizada, a sua linguagem ensaística, para que o meu ouvinte possa **antegozar** o sabor da futura leitura, ressalto, com satisfação, que Jorge começa a sua jornada, que ele classifica como “navegação geográfica pela costa africana” (p. 12), pelo arquipélago de Cabo Verde, trazendo à memória nosso encontro (um dos nossos grandes encontros) na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no ano 2000. Generoso sempre, homenageando a memória de sua mestra maior, a Mãe Acleir Valentim (e depois, evocando a sua “mãe acadêmica”, Luci Ruas), ele inicia seu percurso afirmando um outro Jorge atlântico, o Barbosa, na minha concepção, um dos maiores poetas de língua portuguesa de todos os tempos.

Psicanaliticamente duplo, Jorge Valentim caminha pela poesia e pela prosa de Jorge Barbosa, exercitando, como destaca a colega Laura Padilha no prefácio do livro, “os acordes” de sua fala crítica. Música e literatura constituem faces da sensibilidade de Valentim, como ele próprio ressalva: “uma das trilhas adotadas e que se tornou praticamente uma necessidade pessoal foi a

presença da música, já que o diálogo interdisciplinar e intertextual entre literatura e música tem sido a linha de pesquisa com a qual venho trabalhando há, pelo menos, quinze anos (p. 13). A poética de Jorge Barbosa, crucial na virada da história da literatura cabo-verdiana para uma consciência maior e realista do espaço-ilha, viaja, com seu “navio”, pela música morna do mar que insula o homem cabo-verdiano, mas também pelas águas atlânticas que abrem os caminhos da emigração, dupla moeda de partida e regresso, e fonte de divisas para o sobrevivência do arquipélago.

O romance *Hora di bai* (hora da partida, que tem por mote a morna lírica de Eugénio Tavares, modalidade musical típica do arquipélago), celebra o encontro da narrativa com a música, tendo por pano de fundo o violão da emblemática personagem Chico Afonso, que expressa na morna de Armando Zeferino Soares (*Quem mostra'bo/esse caminho longe*), qual um arauto da saudade futura, a emoção daqueles que partem de Cabo Verde. Aqui, não se apresenta o “desespero de querer partir/ e ter que ficar”, inspirado pelo sentimento prospectivo de evasão face à contemplação do mar, mote da poesia de Jorge Barbosa. Na ficção de Manuel Ferreira, “hora di bai” é “hora de dor”, de um futuro sem perspectiva, para adoecer ou morrer no trabalho contratado (e praticamente forçado) nas roças de São Tomé. Ressalve-se que a morna “Hora di bai”, de Eugénio Tavares, é entoada também no momento da despedida daqueles que se vão deste mundo.

Assim, tanto a pulsão de vida, representada pela emigração (para a América, para a metrópole lisboeta, para a Holanda) ou pela evasão imaginária para outros espaços (como o apetecido Brasil), quanto a sentença de morte nas ilhas de São Tomé e Príncipe (onde vivem até hoje inúmeros cabo-verdianos que não conseguiram regressar ao seu arquipélago de origem), consubstanciam-se nos textos analisados por Jorge Valentim, sob a ótica da inter-semiose texto literário-morna.

O terceiro ensaio com que Jorge contempla a sensibilidade do seu leitor é “Ouvir e compreender a música do mar”, sobre a ficção cabo-verdiana contemporânea, mais especificamente sobre a produção literária do maestro e compositor Vasco Martins, conhecido e apreciado internacionalmente. Texto referente a participação de Jorge Valentim em evento internacional ocorrido

na Universidade de São Paulo e a mim dedicado, por generosidade que me comoveu (embora, na ocasião, eu estivesse em missão nas ilhas de São Tomé e Príncipe e só depois tivesse sido informada da homenagem), o título do ensaio parece resumir muito do trabalho que, com agudeza, o pesquisador desenvolve sobre a literatura cabo-verdiana.

Sabemos que a música, desde sempre, é o item número um quando se aborda a cultura crioula: expressos na língua materna (o chamado crioulo de base portuguesa), a morna, a coladeira, o funaná, o *finason* do batuque trazem para o mundo de língua portuguesa os sabores e cores da cultura afro-negra dos escravizados transportados para e distribuídos a partir de Cabo Verde: marcam para sempre a cultura branca europeia do colonizador, que acaba por render-se ao ritmo do cotidiano colonizado, que decorre, desde o século quinze, numa língua de emergência para que escravizados de várias etnias da costa da Guiné, entre si, se entendessem, em meio a uma profusão de línguas originárias, e pudessem também estabelecer contato com os capatazes e colonizadores, e vice-versa.

Em leitura polifônica (mimética da composição da morna cabo-verdiana, com a define o maestro Vasco Martins), Jorge Valentim cola habilmente a sua boca à obra *A verdadeira dimensão*, do ficcionista, compositor e ensaísta, e entoa contrapontos, como o que adiante podemos captar:

Composto em capítulos curtos, todos com uma estrutura quase autônoma entre eles \_ já que, isoladamente, recuperam histórias e casos ocorridos e vivenciados nas Ilhas \_ Vasco Martins parece imbricar motivos cantantes, como certas incidências estróficas das mornas, em episódios narrativos que vão construindo uma espécie de cadência melódica e harmônica entre eles (p. 56).

Esclarece ainda Valentim que pontuar o percurso das personagens por temas melódicos do repertório mornístico “seria uma maneira outra, diferente, nova e original, [...] de ler temas tradicionais” (p. 57) cabo-verdianos, alcançando, porventura, uma ou *A verdadeira dimensão* (título do romance) da cultura polifônica cabo-verdiana, mosaico tenso e complexo,

mas singularmente criativo, de crioulo e português, da morna popular cantada em língua materna e da literatura culta escrita em língua portuguesa.

A segunda parte do livro de Jorge Vicente Valentim desloca-se do mundo aquático das ilhas de Cabo Verde, embalado pela morna, para, costeando as margens da África, aportar à terra angolana, agora guiado pelo canto da Kianda.

O primeiro ensaio, dedicado a Laura Padilha, especialista em estudos angolanos de literatura, concentra-se na obra de Pepetela, *O desejo de Kianda*. Aqui, o fio de Ariadne que leva o leitor a vencer os labirintos da ficção é o elo entre música e mito, com a “constatação de uma narratividade (musical e mítica) que contamina” (p. 56) todo o tecido romanescos. A lagoa do Kinaxixe, antiga morada da Kianda, aterrada no presente do romance, ressurgiu, em virtude do desmoronamento (provocado pela ação alegórica da música) do primeiro prédio do largo modernizado que soterrou a tradição. Por similitude a esta alegoria e de forma poética, Jorge expõe o processo criativo de Pepetela, que relê o mito africano:

*“Kianda começa a ser recuperada gradativamente no texto ficcional. Como as águas da Lagoa do Kinaxixe, que invadem ininterruptamente as ruas de Luanda, as manifestações musicais da Kianda penetram indelevelmente pelos asfaltos textuais” (p. 68).*

Os “sons cantantes” e vitoriosos emitidos pela Kianda, provocando o ruir dos prédios, restabelecendo o ciclo da água e fluindo em dança para o mar, estruturam ficcionalmente um caminho de libertação, o movimento livre do desejo. Alegoricamente, o “desabamento das estruturas social, econômica e política de Angola” (p. 77), num presente narrativo pós-colonial, dá lugar, com a emergência da Kianda, a um “novo espaço: o da tradição nacional, o da autenticidade, o da angolanidade” (p. 79). A criança e o velho, ouvintes privilegiados da música da Kianda, unem passado e futuro, possibilitado este pela revitalização de valores daquele.

Retomando a navegação, *Fronteiras perdidas*, de José Eduardo Agualusa, é o novo porto visitado pela crítica ensaística

de Jorge Valentim. Esses “contos para viajar” constroem, pela ficção, espaços flutuantes, periféricos e multiculturais, por meio de imagens “que vêm recontar as muitas histórias de outra nação: a nação globalizada da língua portuguesa, recriada pela palavra criadora do escritor” (p. 97). A língua portuguesa constituirá o “elo” entre personagens representantes de diferentes culturas (africanas, europeias, brasileira) e habitantes de espaços periféricos ou não-lugares (p. 102). As fronteiras são flutuantes também no que diz respeito ao gênero literário, híbrido entre conto e crônica, sintonizado com a tendência contemporânea da arte de abolir os centramentos e os padrões canonizados.

A forma literária breve será ainda objeto do texto “O outro gosto do sangue”, que aborda contos de Agualusa e Ana Paula Tavares, extraídos das antologias *Contos de vampiros* (2009), organizada por Pedro Sena-Lino. O texto da angolana Paula Tavares remete a um passado tradicional, de velhos e feiticeiros protagonistas de um espaço rural, tão presente na obra poética da escritora e certamente imagem da sua Huíla de origem. O conto de Agualusa, por sua vez, transita pelo espaço urbano, entre Luanda e Rio de Janeiro, centrado em uma personagem que não suga essências, mas existências, roubando, falsificando e vampirizando a vida de outros: de taxista carioca hipocondríaco a prestigiado médico luandense, de Miro Bandarra a Amir Kleger II, assim se resume a irônica trajetória do narrador-protagonista.

Por fim, chegamos à última etapa da visita analítica de Jorge Vicente Valentim: Moçambique, país que primeiramente lhe foi dado a conhecer por Carmen Tindó Secco, e que hoje volta a convulsão semelhante à que lhe gerou uma guerra civil. Na visão de Jorge, terra propícia aos voos poético-ficcionais de Mia Couto e às performances do contar, do cantar e do nicketche (dança) de Paulina Chiziane.

Dois ensaios são dedicados à obra do mais recente ganhador do Prémio Camões, Mia Couto: o primeiro centra-se no romance *O último voo do flamingo*, em que Mia, jogando no terreno híbrido da contemporaneidade, navega ora por espaços líricos, no voo do sonho (levando o ensaísta a denominar o texto de “narrativa lírica”, na p. 125), ora pelas trilhas do satírico; o segundo ensaio, sobre *Venenos de Deus, remédios do Diabo*, enlaça conceitos como hibridismo, identidade e interculturalidade com a vivência moçambicana pós-colonial, para detectar de que forma Mia Couto lê o “estatuto cultural do país” (156) e

“une personagens e espaço como agentes de um processo de interrogação e efabulação” (p. 168).

“Entre baladas, danças e cantos”, circularmente (retomando a música da morna cabo-verdiana que embala o ensaio inicial, sobre Cabo Verde), Jorge Valentim interrompe, temporariamente, seu voo em pleno Oceano Índico, para fazer um pouso na ficção de Paulina Chiziane. *O alegre canto da perdiz* evoca a oralidade moçambicana, e Valentim apreende, com procedente embasamento teórico-crítico, como ela é transfigurada em oralitura pela escritora, aliando canto e conto (p. 172). Interrogando “o meio circundante, essencialmente masculino”, o texto de Paulina Chiziane, na perspectiva analítica de Jorge, revela a “ótica singular do olhar feminino” (p. 172) ou as “novas subjetividades femininas”, como preconiza teoricamente Maria Odila da Silva Dias.

Num belíssimo momento da leitura, Valentim ressalta que “contar, cantar e dançar tornam-se ações primordiais para quem deseja recriar, via texto literário, algumas encenações do cotidiano histórico, social, político, cultural e afetivo moçambicano” (p. 174). O canto da perdiz expressa, em estrutura contrapontística, dois eixos, o mítico e o referencial: conta uma África primordial, feminina e telúrica (176) e dança, muitas vezes, apesar do fogo das guerras e dos conflitos culturais.

Em síntese, esta obra de Jorge Vicente Valentim, que diríamos, retomando Fernando Pessoa, “colorida” e presidida pelas “oculta(s) mão” e voz de Orfeu (o deus poeta, músico, cantor), consegue embalar, na sua sensibilidade lírica, na sua linguagem que cola a boca ao poético e na música dos temas abordados a profundidade teórico-analítica do ensaio. Seu canto, espalhando-se *Pelas margens do Atlântico* e do Índico, certamente tocará mentes e corações dos que o ouvirem enquanto mergulham no mar da leitura, que deixará entrever, por entre as letras, a afinação da voz.

## NOTA

.....  
<sup>1</sup> Resenha do livro: VALENTIM, Jorge Vicente. *Pelas margens do Atlântico e do Índico*: ensaios sobre as literaturas africanas de língua portuguesa. Manaus: UEA Edições, 2012.

<sup>2</sup> Professora da Universidade de São Paulo.